

nós e os outros nos bancos da escola

RESUMO

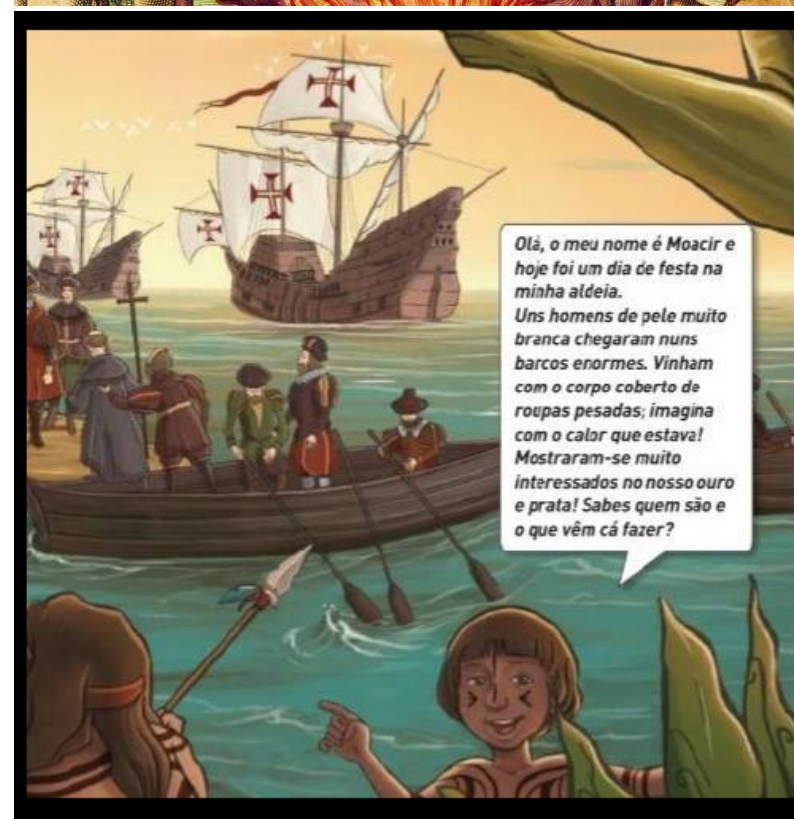
A partir da análise empreendida de alguns manuais escolares de História de Angola (5º ano), do Brasil (6º ano) e de Portugal (4º ano e 6º ano), pretendemos abordar nessa comunicação como a expansão marítima, representada pelos ditos “descobrimentos” e o tráfico negreiro são explicados nos mesmos. A relevância do nosso trabalho se centra na necessidade de termos um olhar crítico sobre o sistema educativo, tendo presente a forma como é ensinada a nossa relação histórica com os ditos “outros”, e como refletimos sobre a maneira que os olhamos a partir da nossa cultura, tradição e inclusive do nosso conhecimento. Ao mesmo passo que tomamos conhecimento do silenciamento das narrativas dos povos originários da América e África na sociedade europeia, e o constante crescimento de estereótipos e preconceitos gerados em torno deles, e enraizados em séculos de colonialismo.

BIO

Celina Guido Massanga, nascida aos 16 de Novembro de 1991, na província do Zaire município do Soyo/Angola.. Encontra-se a terminar a licenciatura em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Fez o curso de Música Sacra, na Escola Diocesana de Ministérios Litúrgicos do Porto.

Francisca Tamiris Xavier Bezerra, brasileira, nascida em Cacimba de Dentro, no interior da Paraíba. Atualmente reside no Porto, Portugal. Atualmente está a terminar a licenciatura em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação na Universidade do Porto.

Maria Clara Costa é brasileira e licenciada em Arqueologia e Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual. Atualmente está a terminar a Licenciatura em Ciências da Educação na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.



descobri-quê? – Desafiando a narrativa dos ‘descobrimentos’ nos manuais escolares de História de Portugal através de um espetáculo de teatro

RESUMO descobri-quê? é um espetáculo de teatro orientado para um público juvenil que pretende contribuir para a descolonização do ensino do período histórico designado como “descobrimentos”, quebrando uma série de narrativas oficiais romantizadas. Ao longo de sete capítulos, que estruturam o espetáculo, lançam-se questões, problematizam-se conteúdos dos manuais escolares e perspetivam-se outras possibilidades de narrativas históricas, promovendo o pensamento crítico em torno deste período da História de Portugal. Em descobri-quê? exploram-se três ideias fundamentais, não devidamente presentes nos manuais escolares: o papel de Portugal na exploração económica dos países colonizados, através da extração de recursos, da escravatura e do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas; a invisibilização de movimentos e figuras de resistência; e o apagamento da identidade, da cultura e da História africana e indígena que preexistia às invasões. Por outro lado, demonstra-se como as narrativas romanceadas estruturam o pensamento da sociedade portuguesa, alicerçadas no lusotropicalismo que vende a imagem de Portugal como “bom colonizador”, impedindo uma confrontação com o legado colonial, bem como estratégias de reparação. Em descobri-quê? explora-se a forma como a História é ensinada, como os manuais escolares são concebidos, como os mapas que representam o mundo são elaborados ou como a língua portuguesa é construída. Paralelamente à sua apresentação, são desenvolvidas ações de formação nas escolas e conversas com o público, aprofundando temas do espetáculo, assim como manifestações desse legado colonial na atualidade, como o racismo sistémico e estrutural e os sinais de colonialidade observados nos media, nos monumentos e no discurso político. descobri-quê? resulta da colaboração entre a Estrutura (Cátia Pinheiro e José Nunes) e Dori Nigro, com consultoria de Cristina Roldão, Melissa Rodrigues e Nuno Coelho, e interpretação de Joyce Souza, Tiago Jácome e Waldju Kondo, numa coprodução como o Teatro Nacional Dona Maria II e o Teatro Académico Gil Vicente.

BIO Dori Nigro é performer, pedagogo e arte educador, sediado no Porto. Nasceu numa família trabalhadora da zona rural e da pesca litorânea do estado de Pernambuco, nordeste brasileiro. Enveredou pelo caminho das artes através do teatro amador comunitário. Acessou os estudos escolares e académicos por meio de políticas públicas de cotas étnico-raciais. Doutorando em Arte Contemporânea (Univ. Coimbra), sobre o tema da Arte da performance e identidades afro-diaspóricas. Realizou estudos de Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas, especialização em Arte Educação; Bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Fotografia; e Licenciatura em Pedagogia. É criador, com Paulo Pinto, no Tuia de Artíficos, coletivo de criação artística que desenvolve ações no campo da prática artística, arte educação e arte terapia. É membro do Núcleo Anti-Racista do Porto (NARP) e da União Negra das Artes (UNA).

Nuno Coelho é designer, artista e curador, sediado no Porto; professor do Departamento de Arquitetura (DARQ) da Universidade de Coimbra, onde leciona nos cursos de licenciatura e mestrado em Design e Multimédia; e investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares (CEIS20) da mesma universidade. Doutorando em Arte Contemporânea (Univ. Coimbra); Master em Design e Produção Gráfica (Univ. Barcelona); e Licenciado em Design de Comunicação e Arte Gráfica (Univ. Porto). Como investigador e curador, tem coordenado exposições e programas públicos, tendo interesse em história, cultura material, humanidades digitais e representação e semiótica visuais. Desenvolveu vários projetos autorais, na intersecção entre o Design e a Arte, sobre dois eixos essenciais: temas sociais e políticos; e temas de identidade e memória, através da exploração da política de produção de imagens e de arquivos de instituições e marcas comerciais históricas portuguesas. É autor de dois livros e editor de outros três. É membro da associação cultural RAMPA. www.nunocoelho.net



A animalidade em nós: para uma política das espécies em educação artística

RESUMO

Esta comunicação assenta numa tripla vontade:

- i) refletir na matriz antropocêntrica de que se reveste o manual de Estudo do Meio (Plim!) do 1º Ciclo do Ensino Básico, atendendo aos discursos das imagens que a sustentam;
- ii) problematizar as normatividades subjacentes aos critérios de pertença à espécie e o fenómeno do especismo – geral, estrito e eletivo – cujo posicionamento deriva de um antropocentrismo moral intimamente associado a práticas discriminatórias;
- iii) evocar a necessidade de ontologias emergentes no que toca as relações entre animais humanos e não humanos, valorizando o pressuposto de uma animalidade eticamente digna e relevante, e no âmbito da qual a educação artística – ativada numa relação crítica com as imagens do referido manual – pode constituir-se numa agência política a favor da liberdade e respeito interespecies. Palavras-chave: antropocentrismo; especismo; educação artística; política das espécies.

BIO

Paulo Nogueira tem vindo a desenvolver a sua atividade docente e de investigação no campo da Educação Artística, quer no contexto da formação de professores de artes visuais, quer na orientação de teses e projetos de investigação ao nível do doutoramento.

Na FPCEUP é docente de Psicologia da Educação Artística; Educação Artística e Cultura Visual; e Oficina de Escrita, desenvolvendo uma estreita atividade docente no Mestrado em Ensino de Artes Visuais, do qual foi diretor entre 2021 e 2023, em disciplinas relacionadas com a investigação em educação artística. É professor no Doutoramento em Educação Artística na FBAUP. Nos últimos anos, tem estado envolvido em equipas de coordenação e avaliação e em diferentes grupos de reflexão sobre educação artística, designadamente através da realização de debates e eventos científicos. É membro colaborador do ID_CAI – Identidades Coletivo de Ação/Investigação e investigador da enREDE – Rede Internacional de Investigação em Artes, Educação Artística e Arte/Educação.

É investigador integrado do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE/FPCEUP) e membro do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS/FBAUP)..



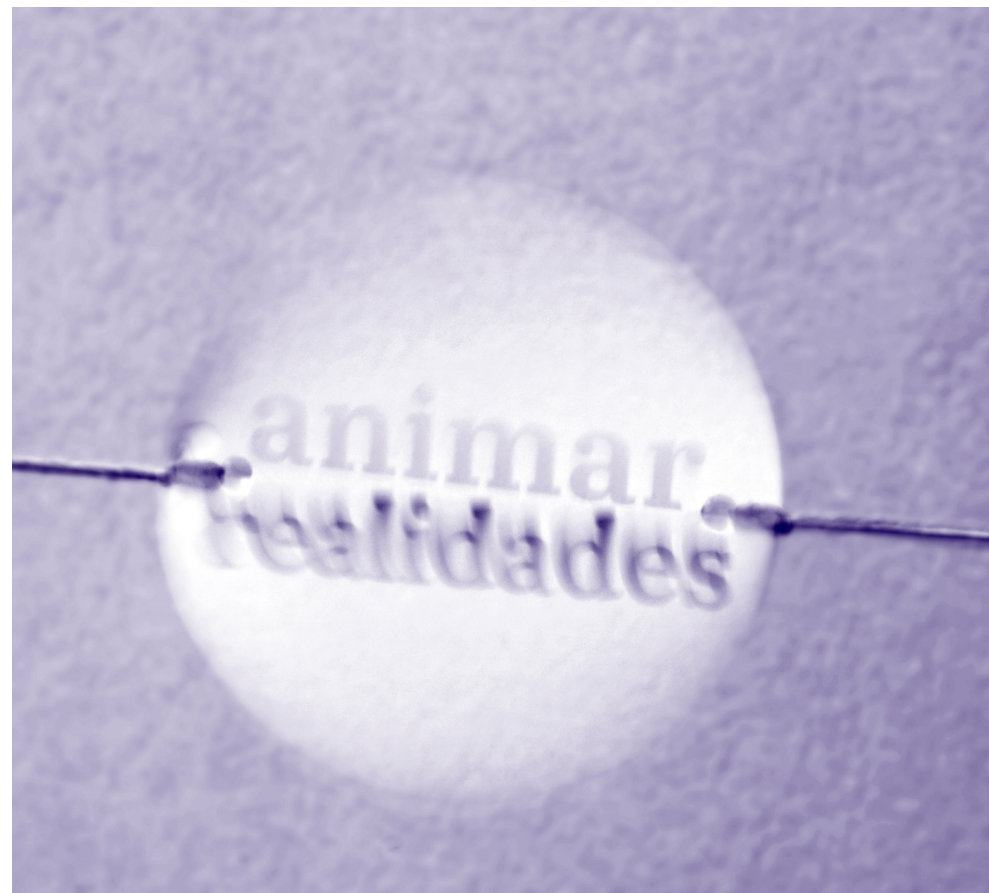
Animar realidades

RESUMO A proposta dessa oficina intersecciona a investigação realizada nos projetos [in]visible e PhilMe, e no grupo de interesse iLudens em curso no i2ADS. A partir de uma discussão interdisciplinar, convergindo as representações da identidade, a arqueologia dos media e a ludicidade, propomos uma reflexão colaborativa para a educação do ver que irá resultar na criação de taumatrópios animados. O workshop parte da reflexão sobre a utilização desses brinquedos óticos como passatempo em revistas ilustradas do final do século XIX e das representações identitárias nas interações humanas levantadas no arquivo em construção do projeto [in]visible. A partir dessa contextualização, discutiremos como os modos de ver são formas de construção e, ao mesmo tempo, potenciais vias de transformação culturais e sociais. A partir da lógica visual do taumatrópio, os participantes serão convidados para um exercício criativo no qual poderão oferecer a sua perspectiva individual animando realidades alternativas para as imagens apresentadas. Ao final do workshop, os dispositivos criados serão digitalizados e transformados em gifs animados para facilitar a partilha com a comunidade.

BIO **Camila Manguiera** é docente, designer e artista investigadora integrada no i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, onde é responsável pelo projeto Media Filosóficos (PhilMe). Interessada nas relações entre lógicas, meios e dispositivos da imagem no âmbito analógico e digital pela perspectiva dos processos criação e da arqueologia dos media. Possui pós-doutoramento em Design na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto com a proposta crítica-criativa da Metaimagem e é doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP) com a tese O Pensamento Fotográfico.

Fabrizio Fava é designer multidisciplinar e investigador no i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, onde promove a investigação através do design. Como moderador do grupo de interesse em Interfaces Lúdicas e Design Especulativo (iLudens), tem vindo a explorar metodologias lúdicas e a expandir a ideia de design lúdico como forma de desenvolver o pensamento criativo.

Catarina Casais é investigadora bolseira no i2ads - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, onde integra o projeto [in]visible. Atualmente é doutoranda aprovada em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto onde pretende desenvolver uma investigação relativa à influência dos sistemas de colocação e avaliação docente em artes visuais no trabalho colaborativo entre pares.



Criança boa não mexe, não pensa. Retratos da criança hiperativa (e os contos de Hoffmann).

BIO RESUMO Criança boa não mexe, não pensa... é um ensaio performativo que aborda a mobilização de diagnósticos e imaginários patologizantes, disciplinadores e excludentes sobre a criança hiperativa na literatura infantil e manuais escolares.

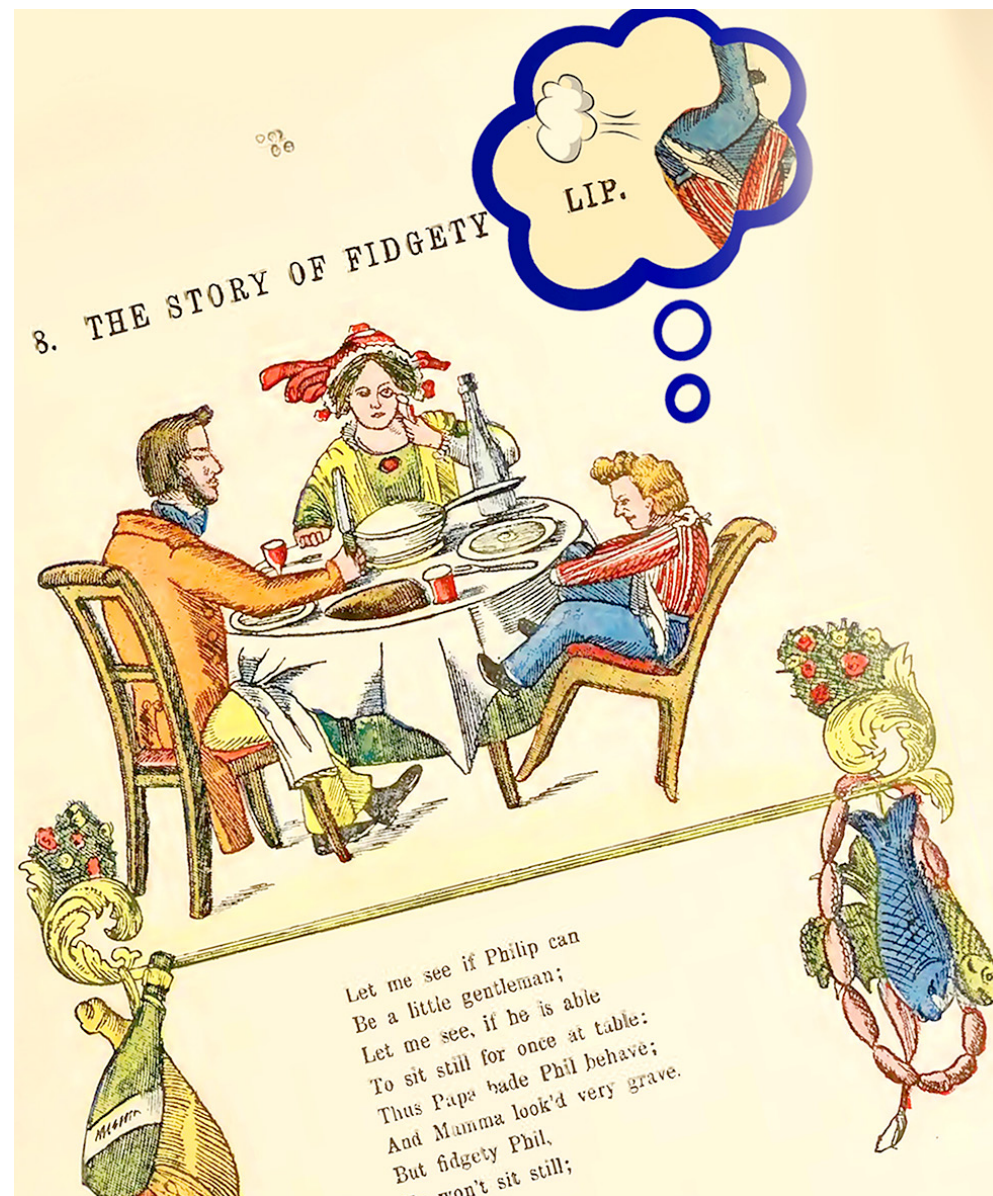
BIO **André (Nenê) Alves**
(neuroqueer; ele, dele; 1981).

www.theandrealves.com

Sou artista, educador e escritor. Escrevo poemas, ficção e textos acadêmicos. Estudo os potenciais da educação e da arte para revigorar a ética e as práticas de vitalidade, conexão e escuta atenta.

Sou um defensor da neurodiversidade e um estudioso das potencialidades da mente "neuroprolixa" para a educação neurotípica. Pesquiso e crio através da arte, experimentando abordagens interdisciplinares que combinam desenho, dança, dramaturgia e abordagens artísticas baseadas na linguagem e na audição no âmbito das artes visuais, como forma de polemizar a política contemporânea de atenção e de porosidade coletiva e avaliação e em diferentes grupos de reflexão sobre educação artística, designadamente através da realização de debates e eventos científicos.

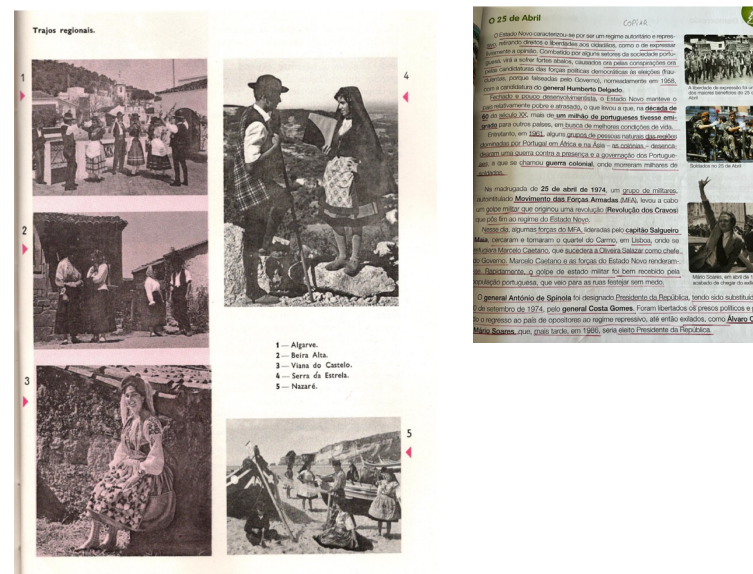
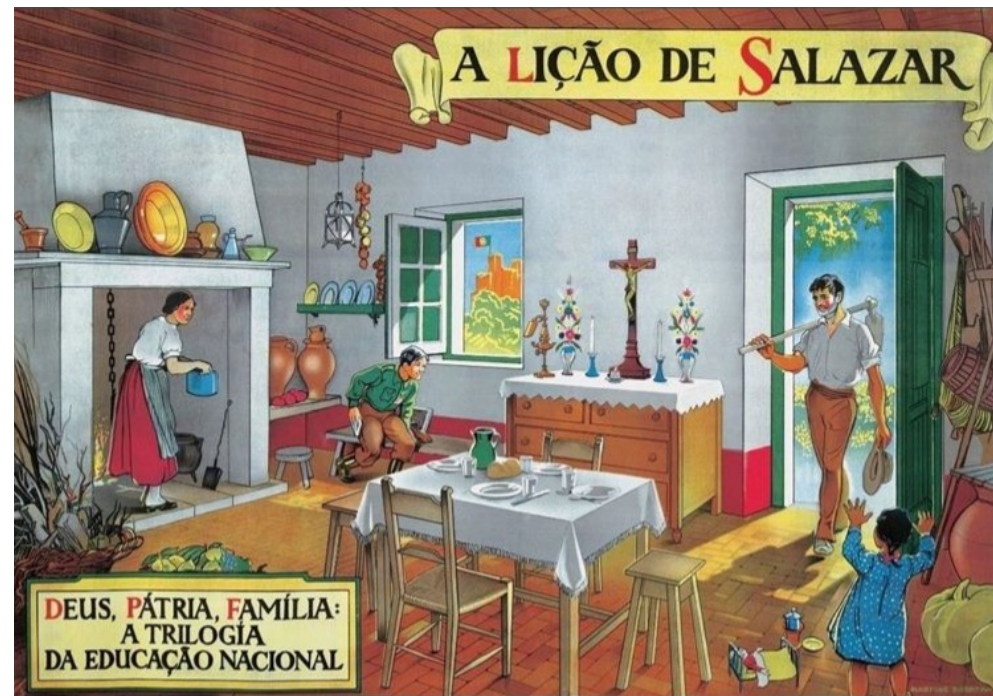
Membro colaborador do ID_CAI – Identidades_Coletivo de Ação/Investigação e investigador da enREDE – Rede Internacional de Investigação em Artes, Educação Artística e Arte/Educação. É investigador integrado do Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE/FPCEUP) e membro do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade (i2ADS/FBAUP).



A Representação Visual nos Manuais Escolares como ferramenta de Cidadania Ativa: Impactos e Desafios na Educação

RESUMO O tema que irei abordar na minha tese de Mestrado em Ciências da Educação no domínio da educação política e democracia: Participação juvenil, serão possivelmente estes dois temas: Recursos Pedagógicos na Educação Escolar (Ensino Pré-Escolar); As imagens nos manuais escolares e noutros recursos educativos influenciam a compreensão dos estudantes sobre assuntos sociais e políticos. Existem alguns conceitos que considero pertinentes abordar no enquadramento conceptual no âmbito da educação política e democracia tais como a: Participação Cidadã e a sua importância para fortalecer a democracia; Inclusão e Diversidade numa perspetiva de promover uma representação equitativa de diferentes grupos; Desenvolvimento Infantil destacando a importância de compreender as características específicas desta faixa etária na adoção dos recursos pedagógicos; Ambiente de Aprendizagem; Representação Visual uma análise como as imagens representam diferentes grupos sociais, culturas e identidades, explorar como a representação visual pode influenciar as atitudes dos estudantes em relação à diversidade e inclusão, discutir como as imagens nos materiais educativos podem perpetuar estereótipos e preconceitos; Formação de Professores/Educadores. Na metodologia pretendo utilizar a revisão de bibliografia, entrevistas / questionários, análise de conteúdo, estudo de caso e possivelmente relato dos resultados. As minhas questões de investigação possíveis serão: Como as práticas educativas podem ser utilizadas para promover a participação ativa e informada dos jovens na esfera política, contribuindo para fortalecer a democracia? Como os recursos pedagógicos podem ser adaptados de forma eficaz para promover o desenvolvimento integral das crianças no ensino pré-escolar, considerando aspetos culturais, sociais e tecnológicos? Qual é o papel das imagens presentes nos manuais escolares e em outros recursos educativos na formação da compreensão dos estudantes sobre questões sociais e políticas, considerando os aspetos de representação, estereótipos, e impacto emocional?

BIO **Carla Moreira**, licenciada em Ciências da Educação pela FPCEUP, onde atualmente frequento Mestrado em Ciências da Educação. Com um foco particular, no domínio em Educação, Política e Democracia. para a elaboração da tese pretendo analisar a influência da representação visual dos manuais escolares na formação dos jovens e na participação cívica dos mesmos. A educação desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e informados, e os manuais escolares podem servir como catalisadores para promover a reflexão crítica entre os estudantes. Obviamente que as imagens não são meros acessórios visuais nos manuais, desempenham um papel importante na apresentação do conteúdo e das temáticas apresentadas aos alunos. As imagens devem ser inclusivas e representar a diversidade dos alunos presentes nas escolas portuguesas, nos dias de hoje. Esta representação deve incitar os diferentes contextos culturais, sociais, das diferenças presentes em cada uma delas valorizando-as de igual modo.



Em busca de conforto numa leitura desconfortável

RESUMO

Em busca de conforto numa leitura desconfortável é um título que propõe a ressonância de um conjunto de imagens de Bruno Munari, publicadas pela primeira vez em 1944, no seminário Bruaá do [in]visível em 2024.

Na sequência da investigação desenvolvida no Doutoramento em Educação Artística foi possível aprofundar o conhecimento sobre a leitura refletindo-se sobre novas possibilidades de diálogos através de livros – para além dos escritos. A análise de projetos próprios desenvolvidos com crianças (3-9 anos) entre os espaços escola-museu-biblioteca, permitiu expandir sentidos para o “Incentivo à Leitura e à Escrita” nas práticas da arte-educação designando-se uma performance relacional de leitura. Num contexto de mediação de imagens, de livros, em oficinas criadas para a leitura, a performance relacional procura estabelecer uma intensificação do encontro, que favoreça a emergência da complexidade das posições que ocupamos nas imagens. Às ideias e às relações criadas com as imagens atribui-se uma instabilidade necessária à reflexão sobre os gestos educativos, sobre as estruturas de poder, questionando desigualdades interpessoais por via de experiências partilhadas de leitura[1]. Com o intuito de refletir sobre imaginários “naturalizados” na educação e de criar um espectro performativo para as imagens, aborda-se um conjunto de imagens onde a construção de identidades plurais se confronta com o statu quo. As leituras são entendidas enquanto práticas coletivas de manutenção do debate e desacordo connosco próprios e com um grupo. A partir de exemplos como os Prélivros de Bruno Munari ou a obra Querido lector. No lea. de Ulises Carrión, amplia-se o debate sobre os discursos das imagens dos manuais escolares.

[1] Termo que se refere a uma ação eminentemente coletiva, que ocorre com a desmontagem do gesto normativo de leitura de livros, cunhado na tese de doutoramento Livro de artista (lugar e veículo): o campo comum entre arte e educação.

BIO Joana Nascimento é artista, investigadora e arte-educadora. Licenciada em Artes Plásticas - Escultura e Mestre em Arte e Design para Espaço Público pela Universidade do Porto.

Enquanto doutoranda em Educação Artística, desenvolveu a tese Livro de artista (lugar e veículo): o campo comum entre arte e educação, com acolhimento no i2ADS e apoio da FCT (SFRH/BD/145096/2019).

A sua investigação reflete sobre políticas de educação artística, colaborações entre instituições culturais e educativas com ênfase no envolvimento local com comunidades, museus e escolas. Enquanto artista interessa-se por práticas relacionais com foco na paisagem e no espaço público cruzando arte e arquitetura, investigação e educação, explorando meios tão variáveis como escultura, livro de artista, desenho, fotografia e vídeo-instalação.

Aliando processos artísticos e práticas educativas tem colaborado como arte-educadora com diversas instituições como Faculdade de Belas Artes do Porto, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Museu da Cidade do Porto ou Centro Internacional de Artes José de Guimarães.

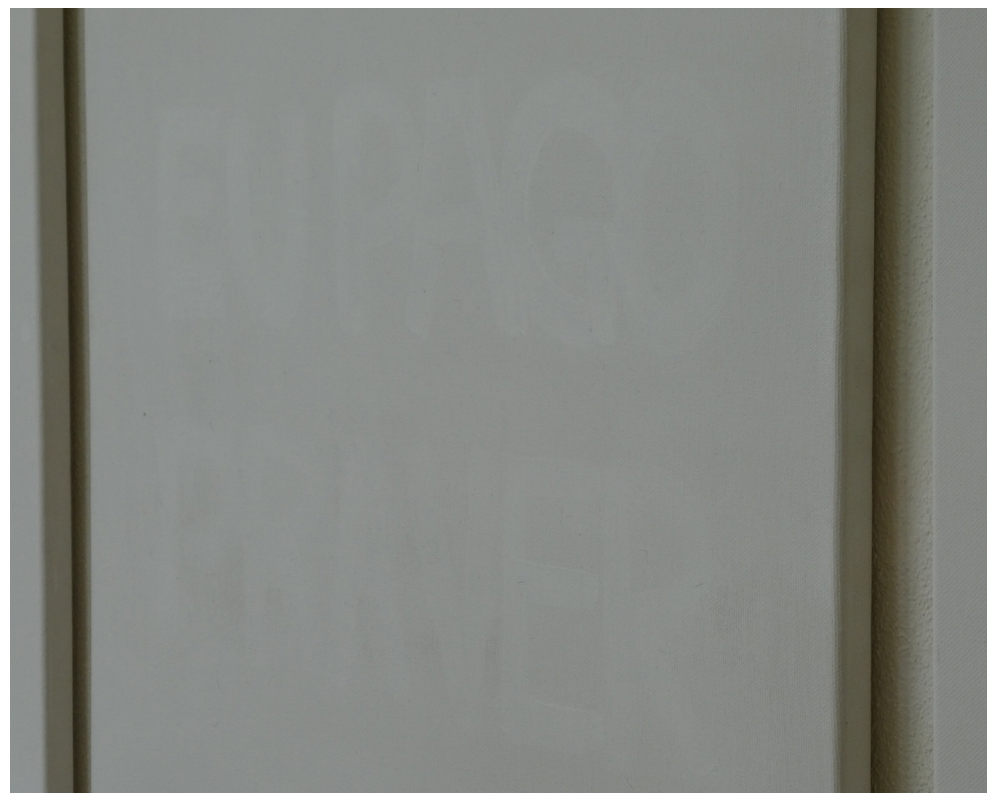
Querido
lector.
No lea.



Esclera #2

RESUMO O projeto artístico “Esclera” explora a complexidade da comunicação e da representatividade através de um mural em tons de branco. Criado em dois tons de branco, o mural se baseia em expressões populares como “pago para ver” e “o que os olhos não veem, o coração não sente”. Essas expressões tecem uma narrativa sobre a ausência e a falta de representatividade de identidades marginalizadas nos manuais escolares, perpetuando estereótipos de normalidade. A dificuldade de leitura causada pelo branco sobre branco simboliza a luta para tornar visível o que muitas vezes é ignorado ou esquecido. Inspirado na estética de um caderno de caligrafia, a obra exhibe pautas e a frase “quem não é visto, não é lembrado”, seguindo as regras desses manuais. Essa escolha estética evoca a estrutura disciplinar dos sistemas educacionais e como eles moldam nossa percepção de identidade e normalidade. Observar o mural exige um esforço ativo do espectador para decifrar o texto e compreender a mensagem. Esse esforço reflete o desafio enfrentado por aqueles que buscam ser reconhecidos e compreendidos em uma sociedade que frequentemente falha em vê-los. A sobreposição de tons de branco funciona como uma metáfora visual para essa invisibilidade, questionando o que é necessário para que a presença seja percebida e a identidade reconhecida. “Esclera” é uma reflexão sobre visibilidade, percepção e representatividade, convidando os espectadores a reconsiderar o que significa ver e ser visto.

BIO **Nara Rosetto**, 36 anos, brasileira de São Paulo, vive e trabalha no Porto onde atualmente é mestranda em Artes Inter-mídias na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. A partir da vivência de deficiências dinâmicas, se utiliza dos temas da vulnerabilidade, invisibilidade e corpo como assuntos recorrentes. Seu processo passa por diversos métodos como: catalogação, acúmulo, repetição e uso do diário com produção em diferentes suportes, entre eles - têxtil, pintura, porcelana, vídeo, foto e performance. Participou, como artista convidada do Decolonization Praxis and the Art of Talking Disability em Berlim, do Blauverschiebung Performance Festival no.14 em Leipzig, Alemanha, Every Woman Biennial em New York, EUA e três diferentes edições do Porto Femme em Portugal. Foi artista residente do demonstra.pt, selecionada para o acompanhamento crítico de Anna Bella Geiger em programa do MASP e ganhadora do PROAC Expresso Direto 39/2021 com o projeto “pequenos gestos - escrevendo em crochê”.

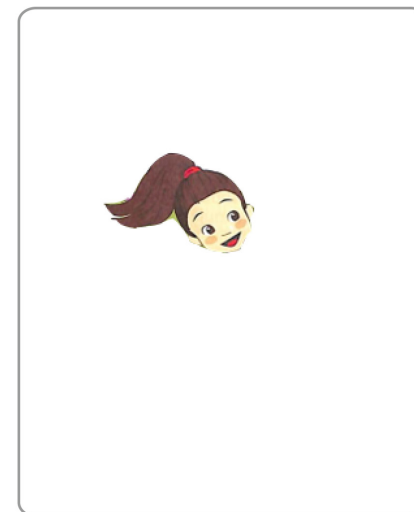
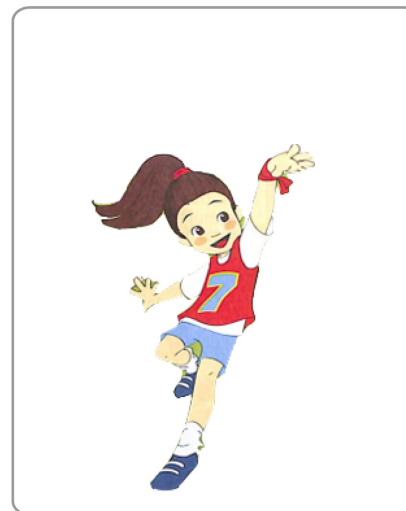


A dissociação do texto e da imagem, a importância da origem da imagem para a sua análise e questionamento.

RESUMO “A imagem não é uma simples ilustração do texto, mas um universo de significados que deve ser explorado em sua totalidade” (Almeida, 2003). A análise e questionamento de imagens, exige um estudo exaustivo sobre as suas origens e uma reflexão aprofundada quanto à relação entre o texto e a imagem. Se por um lado, a imagem pode comunicar por si; por outro, também é uma construção gráfica de um pensamento imaginário, o qual provém de um léxico alicerçado numa linguagem verbal. Contudo, para além das questões da linguagem, a interpretação das imagens não é isenta das experiências culturais, sociais e tecnológicas de cada pessoa (Amount, 1990:15). Essas experiências possibilitam que, na análise, se desvelem significados ocultos e diversos, que advêm do que trazemos em nós, fazendo com que a mesma imagem possa ser interpretada de diferentes maneiras. Berger afirma que: “...estamos sempre a ver a relação entre as coisas e nós próprios” (1972:11). Também autores como Arnheim, Huberman, Berger e Benjamin consideram que, a história, materialidade e origem da imagem são fundamentais para se desvendarem outras camadas de significação, revelando novas interpretações. Mitchell (1994:5) afirma que a interação entre imagens e textos é constitutiva da própria representação. Com base nestas premissas podemos colocar a seguinte questão: Como a origem da imagem influencia a sua interpretação e que camadas de significado emergem quando se dissocia a imagem do texto? Esta comunicação propõe-se refletir sobre o que poderá ser uma análise crítica das imagens, considerando que a sua origem é essencial para compreender plenamente o seu impacto e significado. De forma complementar, a dissociação entre texto e imagem não apenas enriquece a interpretação visual, como também expande o campo de indagação, permitindo uma abordagem abrangente e enriquecedora.

BIO **Cristina Ferreira**, born in Porto (Portugal), graduated in Communication Design, Master in Art and Multimedia and PhD in Art and Design from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto. In 1997 she received the Engenheiro António de Almeida Foundation Award as the best student in the Communication Design Course. Assistant Professor at the Department of Design of the FBAUP, lecturing in the areas of Communication Design and Communication Sciences (Visual Communication; Photography; Multimedia Narratives). Worked as a schoolbook illustrator for a few years in one of the country's leading publishing houses. She develops research in the epistemological field of Image, intersecting the fields of communication design, visual literacy and photography. She is also interested in new modes of sustainable production of images, both analog and digital. Develops research into the language of images and how they can be a tool to see, understand the world and the other through ourselves. Integrated member of i2ADS (Institute for Research in Art, Design and Society) since 2022 and collaborator of ID+ (Institute for Research in Design, Media and Culture) since 2014. Member of the Creation Laboratory for Health Literacy at the University of Porto (LACLIS).

Maria de Lurdes Azevedo Moreira Silva Gomes, concluiu o Mestrado em Ensino das Artes Visuais em 2010 pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Licenciatura em Design de Equipamento em 2002 pela Escola Superior de Artes e Design. Frequenta o Doutoramento em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto desde outubro de 2019 e é investigadora colaboradora do i2ADS, desenvolvendo investigação sobre educação artística com o ID_CAI. É Assistente Convidada (Professora Politécnica) no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) e na Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD) desde 2017 mas a primeira experiência como Assistente Convidada (Professora Politécnica) foi em 2010. É responsável pelas unidades curriculares de Design de Interação, Gestão do Design, Visualização, Desenho e Representação Técnica, História da Moda, Ilustração Digital, Materiais e Processos de Produção e Design de Mobiliário e tem sido orientadora dos relatórios finais dos alunos dos cursos que lecciona. Aguarda Provas do Doutoramento em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto com tese intitulada: “ENSINO DO DESIGN | REFLEXÃO DE UMA PRÁTICA DOCENTE – inquietações do exercício da prática docente no ensino superior do design”. Desenvolve investigação sobre Educação Artística.



Diálogo entre imagens: A perspectiva binária nos manuais escolares.

RESUMO

A presente comunicação pretende dialogar com a exposição das imagens do arquivo do projeto [in]visible de modo a compreender a transformação das narrativas visuais entre 1974-2022, relativas a alguns capítulos que compõem os manuais escolares de estudo do meio como: À descoberta de nós mesmos; À descoberta dos outros e das instituições; e À descoberta do ambiente natural.

Esse diálogo pretende debater de que forma existe uma perspectiva binária relativamente ao corpo, aos outros e à natureza nas imagens dos manuais escolares, questionando se as narrativas que as mesmas promovem ilustram a realidade que a criança se encontra inserida ou produzem a realidade que a criança terá de absorver e adaptar.

BIO

Catarina Casais é investigadora bolseira no iZADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, onde integra o projeto [in]visible. Atualmente é doutoranda aprovada em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto onde pretende desenvolver uma investigação relativa à influência dos sistemas de colocação e avaliação docente em artes visuais no trabalho colaborativo entre pares.

